



O céu aberto como limite

Nas categorias Inovação e Economia criativa, os premiados foram Leonardo Júlio Souza, fundador da Idea Space, e Miguel Galvão, da Infinu Economia Criativa

» IAGO MAC CORD

Os empreendedores da capital Leonardo Júlio Souza e Miguel Galvão foram homenageados, ontem, no Prêmio JK do **Correio Braziliense**, realizado no Auditório do Tribunal de Contas da União (TCU). Eles foram reconhecidos por seus impactos nas áreas de Inovação e de Economia Criativa, respectivamente. O prêmio inédito leva o nome do ex-presidente Juscelino Kubitschek e contempla 16 categorias.

Leonardo Júlio, de 29 anos, é graduando em engenharia espacial pela Universidade de Brasília (UnB) e fundador da Idea Space. O projeto nasceu com a missão de democratizar o acesso ao conhecimento espacial e tornar temas como satélites e sistemas espaciais acessíveis a estudantes da rede pública da capital.

“Receber esse prêmio mostra que o esforço coletivo que a gente tem feito, com os três primeiros satélites que foram colocados em órbita há 10 dias pela SpaceX, e os cinco que a gente está colocando agora, incluindo o satélite de alunos de escola pública, mostra que o desafio está sendo bem enfrentado e que a gente está conseguindo”, comemorou Souza, que ressaltou ainda que a conquista pertence à empresa e não apenas a ele.

De acordo com Leonardo, a empresa ambiciona se tornar a “educadora de espaço no mundo” e, embora a metodologia tenha sido desenvolvida em Brasília, o projeto já possui alcance global. A partir do ano que vem, a empresa espera integrar mais nações ao seu projeto, incluindo possivelmente mais de três países africanos, dois ou três asiáticos, e também nações do leste europeu e da América Latina. A Idea Space está no processo,

segundo seu fundador, de lançar mais cinco satélites, incluindo um “satélite brasiliense” construído por alunos de escola pública do DF.

A empresa está aguardando definição de data com a Índia, e o lançamento deve ocorrer entre o fim deste ano e no início do ano que vem, sendo um dos oito primeiros que a entidade está lançando em sua constelação internacional.

Isso se deu graças a um projeto realizado em parceria com o senador Izalci Lucas (PL-DF), que atendeu mais de 500 estudantes em Brasília. Desses, 30 foram selecionados e construíram o artefato.

“Com isso, os alunos de Brasília estão assumindo a vanguarda da tecnologia espacial dentro da produção nacional e internacional. Estão se colocando a par de universitários da Arábia Saudita, de alunos do ensino médio e fundamental do Azerbaijão e de outros países que possivelmente vão

integrar o projeto a partir do próximo ano”, exaltou.

O sublime cura

O economista Miguel Galvão, por sua vez, é um empreendedor criativo da capital desde o início dos anos 2000. Ele é um dos fundadores da Infinu, comunidade criativa, e um dos nomes por trás do festival PicniK, que completou 13 anos em 2023.

O premiado destacou que se considera um “pequeno elo de uma corrente que é muito grande” e que a homenagem, a qual ele expressou “profunda gratidão”, não é à sua pessoa, mas sim àqueles que o ajudaram a chegar lá, como familiares, amigos e professores.

“Eu acho que eu sou apenas um representante dessa cadeia, dessa corrente que está aí há décadas trabalhando duro para tentar criar uma realidade mais equilibrada e

mais saudável aqui no Brasil. E eu acho que, profissionalmente, é um reconhecimento importante. Acho que só de a economia criativa poder ter a classe sendo homenageada aqui, isso já é um avanço, é importante”, comemorou.

Ao jornal e em seu discurso ao receber o prêmio, ele afirma que é muito questionado sobre qual é o seu segmento, e ele responde que, atualmente, é “saúde pública”. Isso porque, segundo Galvão, quando uma pessoa está feliz por participar de uma “experiência cultural de qualidade, ela se aproxima do sublime — e o sublime cura”.

“As pessoas gastam menos dinheiro com remédio, menos dinheiro com hospital. Os índices de violência doméstica diminuem. E eu conclamo vocês para que Brasília também seja pioneira em encerrar a cultura e a criatividade dessa maneira. Porque eu acho que a gente tende a ser único novamente

no planeta, porque isso ainda é algo muito novo”, comentou.

Para ele, seus projetos são uma “vitrine” para o restante do país, provando que, mesmo em uma nação dividida e com violência, a harmonia pode ser alcançada com simplicidade e o retorno a preceitos básicos, o que considera ser parte da “gênese do DNA do brasileiro”.

No médio e longo prazo, a perspectiva de Galvão é levar “uma ocupação inteligente” para a área central da cidade, focando no Setor de Diversões Sul. Esse movimento envolve juntar marcas parceiras como Ambar e Biroasca, aproveitando áreas com fluxo de pessoas, transporte público e segurança.

Além disso, a partir do próximo ano, o empreendedor planeja levar a “força criativa” para a construção civil e arquitetura, criando uma empresa para empreender em residências e pensar formas alternativas de viver no DF.

Premiados

Fotos: Minervino Junior/CB/D.A Press



Leonardo Júlio Souza, um visionário do espaço

A história de Leonardo Júlio Souza, de 29 anos, começou no Hospital Universitário de Brasília (HUB), onde nasceu como o primeiro membro de sua família a vir ao mundo na capital. Crescido na Cidade Ocidental (GO), morou no Gama e, depois, seguiu para a Asa Norte.

Durante a formação acadêmica na Universidade de Brasília (UnB), Leonardo encontrou laboratórios e projetos que foram essenciais em sua trajetória no setor espacial. Em entrevista recente ao **Correio**, ele contou que, ao visitar empresas de tecnologia fora do país, percebeu que muito do que viu no exterior também estava disponível dentro da própria universidade. Foi assim que cresceu a ideia e convicção de que Brasília tem potencial para se tornar um dos polos de desenvolvimento espacial mais importantes do país.

Com outros três colegas, Leonardo participou de um projeto social em uma casa de acolhimento do DF, onde

Com o conhecimento adquirido no projeto, os alunos de escolas públicas de Brasília estão assumindo a vanguarda da tecnologia espacial dentro da produção nacional e internacional”

ministraram um curso introdutório sobre tecnologia espacial para crianças e adolescentes. No início, ao perguntarem aos alunos o que desejavam ser no futuro, as respostas eram sempre as mesmas: policial,

advogado, delegado. No entanto, ao final das aulas, a vontade já não era mais a mesma.

Foi assim que surgiu a inspiração para a criação da Idea Space, startup fundada pelo grupo com o objetivo de democratizar o acesso ao conhecimento espacial. A empresa nasceu com a missão de despertar novas vocações e tornar temas como satélites, sensores e sistemas espaciais compreensíveis e possíveis para estudantes da rede pública.

Pouco tempo depois, a iniciativa ganhou a parceria do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), o que permitiu a ampliação do alcance dos cursos.

Graças a essa colaboração, ao menos 430 alunos de escolas públicas do Distrito Federal já participaram de programas de introdução à tecnologia espacial. As atividades incluem aulas práticas, experimentos e discussões sobre carreiras científicas.

» Giovanna Sfalsin



Miguel Galvão, a criatividade como um negócio vivo

Em Brasília, há quem enxergue apenas concreto, linhas retas e silêncio. Miguel Galvão, não. Aos olhos dele, a capital sempre foi um convite ao encontro, ao improviso e ao florescimento de algo vivo. Economista formado pela Universidade de Brasília (UnB), ele foi responsável por transformar o vazio urbano da 506 sul no Infinu, um dos espaços culturais mais pulsantes da capital.

Nascido em Salvador, mas criado em Sobradinho, Miguel cresceu em meio às ruas largas, aos espaços abertos e às possibilidades que a cidade oferece para quem se atreve a ocupá-la. Foi com o Picnik, evento itinerante que ajudou a fundar e que se tornou símbolo da economia criativa da candanga, que ele percebeu que a cidade precisava de mais.

A ideia começou a ganhar forma em 2017, quando começaram as discussões sobre a revitalização da W3 Sul. Foi aí que o que havia sido

Grças às experiências culturais de qualidade, as pessoas gastam menos dinheiro com remédio, com hospital. Os índices de violência doméstica diminuem”

plantado antes da pandemia, se formalizou em 2020. O lugar, é uma espécie de convite ao que não tem limite, às conexões, aos encontros e à liberdade estética.

Hoje, ocupa mais de 400 m² e abriga mais de 70 marcas distribuídas por três andares. Tem lojas colaborativas, estúdios de tatuagem, espaços de moda, beleza e design, além de cafeterias, cozinhas autorais, coworking e uma área externa com mesas, conversas e música. O laboratório cultural permanente é o espaço onde os artistas e empreendedores testam suas ideias.

Em entrevista recente ao **Correio**, ele disse que a capital é uma galeria a céu aberto. A ideia é que a pessoa respire a criatividade candanga — “seja tomando um suco, cortando o cabelo ou assistindo a um show, o Infinu é uma vitrine viva, que acolhe tanto os experientes quanto quem está começando”.

O projeto defende a criatividade como o emprego do futuro. E talvez, por enxergar a cidade assim, tenha percebido antes de muita gente que criatividade também é política urbana.

» Giovanna Sfalsin